

LÍNGUA PORTUGUESA

INSTRUÇÃO: As questões de números **01** a **03** tomam por base as duas primeiras partes do conto **Jeca Tatu**, do escritor, editor e polemista José Bento Monteiro Lobato (1882-1948), e um fragmento do poema **Juca Mulato**, do jornalista e poeta modernista Paulo Menotti del Picchia (1892-1988).

Jeca Tatu

Jeca Tatu era um pobre caboclo que morava no mato, numa casinha de sapé. Vivia na maior pobreza, em companhia da mulher, muito magra e feia, e de vários filhinhos pálidos e tristes.

Jeca Tatu passava os dias de cócoras, pitando enormes cigarrões de palha, sem ânimo de fazer coisa nenhuma. Ia ao mato caçar, tirar palmitos, cortar cachos de brejaúva, mas não tinha a idéia de plantar um pé de couve atrás da casa. Perto corria um ribeirão, onde ele pescava de vez em quando uns lambaris e um ou outro bagre. E assim ia vivendo.

Dava pena ver a miséria do casebre. Nem móveis, nem roupas, nem nada que significasse comodidade. Um banquinho de três pernas, umas peneiras furadas, a espingardinha de carregar pela boca, muito ordinária, e só.

Todos que passavam por ali murmuravam:

— Que grandíssimo preguiçoso!

[...]

Jeca só queria beber pinga e espichar-se ao sol no terreiro. Ali ficava horas, com o cachorrinho rente; cochilando. A vida que rodasse, o mato que crescesse na roça, a casa que caísse. Jeca não queria saber de nada. Trabalhar não era com ele.

Perto morava um italiano já bastante arranjado, mas que ainda assim trabalhava o dia inteiro. Por que Jeca não fazia o mesmo?

Quando lhe perguntavam isso, ele dizia:

— Não paga a pena plantar. A formiga come tudo.

— Mas como é que o seu vizinho italiano não tem formiga no sítio?

— É que ele mata.

— E por que você não faz o mesmo?

Jeca coçava a cabeça, cuspiam por entre os dentes e vinha sempre com a mesma história:

— *Quá!* Não paga a pena...

— Além de preguiçoso, bêbado; e além de bêbado, idiota, era o que todos diziam.

(MONTEIRO LOBATO. Jeca Tatu. In: *Obras completas de Monteiro Lobato*. Vol. 8. São Paulo: Editora Brasiliense Limitada, 1951, p. 329-331.)

Juca Mulato

Juca Mulato pensa: a vida era-lhe um nada...
Uns alqueires de chão; o cabo de uma enxada;
um cavalo pigarço; uma pinga da boa;
o cafezal verdeengo; o sol quente e inclemente...

05 Nessa noite, porém, parece-lhe mais quente,
o olhar indiferente,
da filha da patroa...

"Vamos, Juca Mulato, estás doido?" Entretanto,
tem a noite lunar arrepios de susto;
10 parece respirar a fronde de um arbusto,
o ar é como um bafo, a água corrente, um pranto.
Tudo cria uma vida espiritual, violenta.
O ar morno lhe fala; o aroma suave o tenta...
"Que diabo!" Volve aos céus as pupilas, à toa,
15 e vê, na lua, o olhar da filha da patroa...
Olha a mata; lá está! o horizonte lho esboça;
presente-o em cada moita; enxerga-o em cada poça;
e ele vibra, e ele sonha, e ele anseia, impotente,
esse olhar que passou, longinquo e indiferente!

20 Juca Mulato cisma. Olha a lua e estremece.
Dentro dele um desejo abre-se em flor e cresce
e ele pensa, ao sentir esses sonhos ignotos,
que a alma é como uma planta, os sonhos, como brotos,
vão rebentando nela e se abrindo em floradas...

25 Franjam de ouro, o ocidente, as chamas das queimadas.

(MENOTTI DEL PICCHIA, Paulo. *Poemas*. 6ª.
edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional,
1954, p. 20-21.)

1

Os trechos transcritos de **Jeca Tatu** e **Juca Mulato** exploram gêneros e temas distintos, mas não deixam de apresentar algumas identidades. Depois de relê-los, buscando observar bem suas diferenças e semelhanças,

- menção de um ponto de contato entre os dois trechos, no que diz respeito ao ambiente descrito;
- baseado no fato de que numa narrativa podem ser apresentados aspectos externos e aspectos internos do comportamento das personagens, estabeleça a diferença essencial que há entre os dois textos no modo de focalizar as personagens *Jeca Tatu* e *Juca Mulato* pelos respectivos narradores.

Resolução

- Nos dois textos, o ambiente descrito é rural.
- Jeca Tatu* é apresentado a partir de uma perspectiva exterior; sua caracterização é puramente objetiva. Diferentemente, *Juca Mulato* é caracterizado a partir do que pensa, sente e sonha, ou seja, sua caracterização é elaborada sobretudo com elementos subjetivos.

2

Com um discurso narrativo simples e objetivo, o narrador de **Jeca Tatu** nos fornece, no trecho citado, um retrato bem definido da situação vivida pela personagem em seu meio. Releia atentamente o trecho e, a seguir,

- a) levando em consideração as informações do narrador, avalie a atuação de *Jeca Tatu* como proprietário rural;
- b) indique dois adjetivos empregados no texto que sintetizam a opinião que as outras pessoas tinham sobre *Jeca Tatu*.

Resolução

- a) *Jeca Tatu* é apresentado como proprietário relapso e carente de iniciativa, conformado com a precariedade e avesso ao trabalho.
- b) "Preguiçoso" (em "grandíssimo preguiçoso"), "bêbado" e "idiota".

3

Os escritores se valem, com freqüência, do recurso de atribuir características de seres animados a elementos do meio-ambiente. Após verificar a ocorrência desse recurso no trecho de **Juca Mulato**,

- a) cite uma seqüência de versos do poema em que elementos do ambiente parecem assumir características de seres animados;
- b) estabeleça a relação existente entre as características do ambiente assim descrito e o estado de espírito da personagem *Juca Mulato*.

Resolução

- a) *No trecho compreendido entre os versos 9 e 13 ocorre personificação (prosopopéia) da noite, do arbusto, da água, do ar...*
- b) *O estado de espírito de Juca Mulato é marcado pela perturbação que causava nele o "olhar indiferente da filha da patroa". Sua perturbação e seus estremecimentos parecem espelhar-se ou encontrar correspondência na natureza que o circunda, descrita em termos neo-românticos.*

INSTRUÇÃO: As questões de números **04** a **07** se baseiam em um fragmento do **Sermão do Mandato**, do orador barroco Antônio Vieira (1608-1697), e num trecho do poema **Feliza**, do poeta neoclássico Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805).

Sermão do Mandato

Começando pelo amor. O amor essencialmente é união, e naturalmente a busca: para ali pesa, para ali caminha, e só ali pára. Tudo são palavras de Platão, e de Santo Agostinho. Pois se a natureza do amor é unir, como pode ser efeito do amor o apartar? Assim é,

quando o amor não é extremado e excessivo. As causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários. A dor faz gritar; mas se é excessiva, faz emudecer: a luz faz ver; mas se é excessiva, cega: a alegria alenta e vivifica; mas se é excessiva, mata. Assim o amor: naturalmente une; mas se é excessivo, divide: *Fortis est ut mors dilectio*: o amor, diz Salomão, é como a morte. Como a morte, rei sábio? Como a vida, dissera eu. O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte? O mesmo Salomão se explicou. Não fala Salomão de qualquer amor, senão do amor forte? *Fortis est ut mors dilectio*: e o amor forte, o amor intenso, o amor excessivo, produz efeitos contrários. É união, e produz apartamentos. Sabe-se o amor atar, e sabe-se desatar como Sansão: afetuoso, deixa-se atar; forte, rompe as ataduras. O amor sempre é amoroso; mas umas vezes é amoroso e unitivo, outras vezes amoroso e forte. Enquanto amoroso e unitivo, junta os extremos mais distantes: enquanto amoroso e forte, divide os extremos mais unidos.

(ANTONIO VIEIRA. *Sermão do Mandato*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2000, p. 165-166.)

Feliza

Chamam-te gosto, Amor, chamam-te amigo
Da Natureza, que por ti se inflama;
Dizem que és dos mortais suave abrigo;
Que enjoa, e pesa a vida a quem não ama:
05 Mas com dura exp'riência eu contradigo
A falsa opinião, que um bem te chama:
Tu não és gosto, Amor, tu és tormento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

Feliza de Sileu! Quem tal pensara
10 Daquela, entre as pastoras mais formosa
Que a vermelha papoila entre a seara,
Que entre as boninas a corada rosa!
Feliza por Sileu me desampara!
Oh céus! Um monstro seus carinhos goza;
15 Ânsia cruel me esfalfa o sofrimento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.
Ingrata, que prestígio te alucina?
Que mágica ilusão te está cegando?
Que fado inevitável te domina,

20 Teu luminoso espírito apagando?
O vil Sileu não põe na sanfonina
Jeitosa mão, nem pinta em verso brando
Ondadas tranças, que bafeja o vento.
Une teus sons, ó lira, ao meu lamento.

(BOCAGE, Manuel Maria Barbosa du.
Obras de Bocage. Porto: Lello &
Irmão, 1968, p. 685-686.)

4

Os trechos transcritos do sermão de Vieira e do poema de Bocage apresentam traços peculiares de seus respectivos estilos de época, o barroco e o neoclássico. Verifique, numa leitura atenta, esses traços e, a seguir,

- menção e explique uma característica do estilo barroco que Vieira explora com insistência no seguinte trecho: "O amor é união de almas; a morte é separação da alma: pois se o efeito do amor é unir, e o efeito da morte é separar, como pode ser o amor semelhante à morte?";
- aponte um aspecto da segunda estrofe do poema de Bocage típico da poética neoclássica.

Resolução

- No trecho em questão, Vieira explora um par de antíteses: *amor/morte e união/separação*. Esse tipo de desenvolvimento amparado em contrastes é frequente tanto no Barroco cultista quanto no conceitualista e corresponde a uma das formas através das quais os escritores barrocos dão intensidade dramática a seus textos.
- São tipicamente *árcades* as referências bucólicas ("pastoras", "seara"), assim como os nomes escolhidos pelo poeta para designar a amada e seu amante (Feliza e Sileu).

5

Vieira, em seu sermão, afirma que uma mesma causa pode produzir efeitos contrários, conforme a presença ou não de determinado fator. Com base nessa constatação,

- determine o fator que, segundo afirma Vieira, é responsável por fazer com que uma mesma causa produza efeitos contrários;
- indique o fenômeno físico que Vieira apresenta como uma das provas do que afirma.

Resolução

- O fator é o excesso: "as causas excessivamente intensas produzem efeitos contrários".
- O fenômeno físico é apontado no trecho "a luz faz ver; mas se é excessiva, cega".

6

No seu poema, diferentemente de Vieira, Bocage foca-
liza o amor de um modo prático, pondo o eu-poemáti-
co a queixar-se da atitude de Feliza. Essa queixa,
porém, parece confirmar o que disse Vieira sobre o
amor. Releia a primeira estrofe do poema de Bocage e,
em seguida,

- a) explique em que medida as palavras dessa estrofe
parecem confirmar o argumento de Vieira;
- b) cite o verso que contém a justificativa dada pelo eu-
poemático para fazer tal colocação sobre os efeitos
do amor.

Resolução

- a) *Na primeira estrofe do poema de Bocage, o eu-lírico
opõe-se ao conceito de que o amor seja um "bem",
um "suave abrigo", contrapondo a isso o sofrimento
decorrente de uma penosa experiência amorosa.
No sermão de Vieira, é discutido o caráter con-
traditório do amor, que, quando desmedido, exces-
sivo, produz efeito contrário ao que habitualmente
se lhe atribui.*
- b) *O eu-lírico, no poema de Bocage, justifica sua opi-
nião ao apresentá-la como fruto da experiência:
"Mas com dura experiência eu contradigo".*

7

O caráter polissêmico que comumente apresentam as
palavras da língua permite que, com o emprego de
uma mesma palavra em contextos distintos, possamos
acionar diferentes significados. Muitas vezes, a
produção de significados novos ocorre em função do
emprego metafórico ou também metonímico das pala-
vras. Nos trechos de Vieira e de Bocage, encontramos
alguns exemplos disso. Releia-os atentamente e, a
seguir,

- a) explique o significado que, pelo emprego meta-
fórico, assume a forma verbal "pinta" no poema de
Bocage;
- b) reescreva a frase "É união, e produz apartamentos",
substituindo a última palavra por outra de sentido
equivalente e apropriado ao contexto do sermão de
Vieira.

Resolução

- a) *No texto de Bocage, pinta significa "descreve".*
- b) *É união e produz separações (=afastamentos, dis-
tanciamentos).*

INSTRUÇÃO: As questões de números **08 a 10** tomam
por base um poema do clássico por-
tuguês Luís Vaz de Camões (1524?-
1580) e a letra do foxtrote **Você só...
mente**, escrita pelo músico brasileiro
Noel de Medeiros Rosa (1910-1937).

Trovas

*a uma dama que lhe jurara
sempre por seus olhos.*

Quando me quer enganar
a minha bela perjura,
para mais me confirmar
o que quer certificar,
05 pelos seus olhos mo jura.
Como meu contentamento
todo se rege por eles,
imagina o pensamento
que se faz agravo a eles
10 não crer tão grão juramento.

Porém, como em casos tais
ando já visto e corrente,
sem outros certos sinais,
quanto me ela jura mais
15 tanto mais cuido que mente.
Então, vendo-lhe ofender
uns tais olhos como aqueles,
deixo-me antes tudo crer,
só pela não constranger
20 a jurar falso por eles.

(CAMÕES, Luis de. *Lírica*. Belo Horizonte: Editora Itatiaia;
São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1982, p.
56-57.)

Você só... mente

Não espero mais você,
Pois você não aparece.
Creio que você se esquece
Das promessas que me faz...
05 E depois vem dar desculpas
Inocentes e banais.
É porque você bem sabe
Que em você desculpo
Muita coisa mais...
10 *O que sei somente
É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que*
15 *Eu gosto imensamente de você.*

E invariavelmente,
Sem ter o menor motivo,
Em um tom de voz altivo,
Você, quando fala, mente
20 Mesmo involuntariamente.
Faço cara de contente,
Pois sua maior mentira
É dizer à gente
Que você não mente.
25 *O que sei somente*

*É que você é um ente
Que mente inconscientemente,
Mas finalmente,
Não sei por que*
30 *Eu gosto imensamente de você.*

(In: *Noel pela primeira vez*. Coleção organizada por Miguel Jubran. São Paulo: MEC/FUNARTE/VELAS, 2000, Vol. 4, CD 7, faixa 01.)

8

A "mentira" constitui um dos temas mais recorrentes nos poemas de amor de todos os tempos, variando porém o modo como os poetas a focalizam, negando-a, rejeitando-a ou aceitando-a "em nome do amor". Em **Trovas** e em **Você só... mente** é abordado o tema da "mentira no amor". Depois de observar o desenvolvimento desse tema em ambos os poemas,

- apresente a justificativa lógica da conclusão a que chega o eu-poemático nos últimos cinco versos do poema de Camões;
- demonstre o caráter irônico do emprego do vocábulo "inocentes" no sexto verso da letra de Noel Rosa.

Resolução

- O eu-poemático, nos últimos cinco versos, prefere "fingir" que acredita nas mentiras da amada, pois não quer obrigá-la a jurar falsamente por tão belos olhos, o que seria um ato depreciativo em relação a tais olhos.*
- O caráter irônico do termo "inocentes" está justamente no fato de as desculpas serem costumeiras, habituais, e, na verdade, nada inocentes, pois que amparadas na consciência de que o amante (o eu-lírico) desculpará ainda uma vez os deslizes da amada.*

9

Os homônimos homófonos e homógrafos, ou seja, vocábulos que apresentam a mesma pronúncia e a mesma grafia, são comuns na Língua Portuguesa. No verso "pelos seus olhos mo jura", o vocábulo *jura* é um verbo empregado como núcleo do predicado verbal; mas podemos construir a frase "Ele quebrou sua jura e foi para longe" em que o homônimo *jura* é empregado como substantivo em função de núcleo do objeto direto. Com base nesta informação, releia os dois poemas e, em seguida,

- estabeleça a classe de palavra a que pertence "grão", no décimo verso do poema de Camões e escreva uma frase em que apareça um homônimo homófono e homógrafo dessa palavra;
- aponte o efeito expressivo, relacionado com o tema e com a rima, que o emprego de advérbios como *somente, inconscientemente, etc.*, produz na letra de Noel Rosa.

Resolução

- a) Grão é um adjetivo, equivale a "grande" e modifica o substantivo juramento. O homônimo homófono e homógrafo dessa palavra é o substantivo grão: "O grão de milho foi jogado no terreno."
- b) Esses advérbios (somente, inconscientemente) apresentam o sufixo -mente, que, no texto, participa de um jogo paronomástico com o verbo mentir.

10

Além do eu-poemático, que se revela formalmente pelo emprego do pronome pessoal do caso reto "eu" e correspondentes pronomes oblíquos, como também pelas flexões verbais de primeira pessoa do singular, surge em **Trovas** e em **Você só... mente** outra personagem: a pessoa amada. Depois de observar atentamente as marcas da presença desta personagem nos dois textos,

- a) demonstre, com base em exemplos, como a pessoa amada se revela formalmente em **Trovas**;
- b) explique por que razão não se pode determinar o sexo da pessoa amada em **Você só... mente**.

Resolução

- a) A pessoa amada – "a minha bela perjura" – é indicada, nas trovas camonianas, pelo pronome pessoal do caso reto ela ("quanto me ela jura mais") e pelos pronomes seus ("seus olhos", possessivo), eles (referindo-se aos olhos da amada) e lhe.
- b) A pessoa amada, no texto de Noel Rosa, é indicada pelo pronome de tratamento você, que pode referir-se tanto a homem quanto a mulher. Além disso, o substantivo ente ("Você é um ente") pode, como você, designar homem ou mulher.

REDAÇÃO

Leia os cinco textos seguintes.

A mentira corre, mas a verdade a apanha.

(Provérbio.)

O pão da mentira é gostoso ao homem; porém depois a sua boca será cheia de areia.

(Bíblia Sagrada, Provérbios, XX, 17.)

Porque a fraude consiste em mentir e dissimular, segundo a definição de Aquiles, que sejam banidas a fraude e a mentira de todas as transações.

(CÍCERO, Marco Túlio. *Dos deveres*. Tradução de João Mendes Neto. São Paulo: Saraiva, 1965, p. 155.)

Nunca faltaram a um príncipe pretextos legítimos

para justificar a sua falta de palavra, e seriam infinitos os exemplos, do tempo presente, demonstrativos de quantas pazes, quantas promessas, foram feitas em vão e reduzidas a nada pela infidelidade dos príncipes, e demonstrativos também de que as coisas correram melhor aos que melhor souberam representar o papel de raposa. Mas é indispensável saber ocultar este pendor, disfarçá-lo bem. Os homens são tão simples e tão obedientes às necessidades do momento, que quem engana encontra sempre quem se deixe enganar.

(MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução de Fernanda Pinto Rodrigues. Lisboa: Publicações Europa-América, 1972, p. 94.)

Desde Maquiavel, a mentira é um instrumento usual na política para persuadir aliados e eleitores ou para esconder atos ilícitos. Pode vir em forma de omissão ou de uma retórica capaz de direcionar a percepção da opinião pública. Todos falam com muita convicção, como se fosse a mais pura verdade. E às vezes acabam convencendo. Em 1990, às vésperas do confisco das poupanças, a então ministra da Economia, Zélia Cardoso de Mello, ainda amenizava: "Não vamos mexer na poupança".

Quando a corrupção fica evidente, vale tudo para salvar a própria pele. Até mesmo contar mentiras descaradas, como a do então deputado João Alves, que, para justificar os altos rendimentos, disse na CPI do Orçamento, em 1993: "Deus me ajudou e eu ganhei dinheiro. Acertei 24 vezes na loteria." Negar tudo, por mais que as provas digam o contrário, também é uma estratégia bastante usual. Em 1999, em plena crise de desvalorização cambial, o então presidente do Banco Central, Francisco Lopes, usou sua influência para prestar socorro ao Banco Marka, de Salvatore Cacciola. A gentileza causou um rombo de US\$1,1 bilhão aos cofres do BC. Questionado, desconversou: "Cacciola pode até ter me procurado, mas nunca falei com ele. Nunca o vi."

Depois que a confusão está armada, o jeito é apelar. Pode ser montando um alibi, com agenda pessoal e cartas assinadas pelos amigos, como tentou o senador José Roberto Arruda. Descoberta a farsa, só resta admitir o erro. O pesquisador André Gellis, da Unesp, explica que a confissão é a mais cômoda expressão de culpa. "Com ela, o mentiroso procura lavar as mãos da responsabilidade do ato e de um pecado", diz. Mas nem mesmo o mais emocionado pedido de clemência livra o mentiroso de seu pesado rótulo.

(Revista *ISTOÉ*, nº 1648, 2.5.2001, p. 31.)

Proposição

Como se observa nos textos apresentados, bem como nos que serviram de base para as questões 08, 09 e 10, a oposição entre *verdade* e *mentira* tem sido um dos temas mais discutidos em todos os tempos, e

constitui uma das maiores preocupações da humanidade.

Partindo da leitura dos textos e levando em consideração sua formação religiosa, familiar e escolar, bem como sua personalidade e suas projeções para a futura vida particular e profissional, faça uma redação de **gênero dissertativo** sobre o tema

A VERDADE OU A MENTIRA: UMA QUESTÃO DE CONVENIÊNCIA?

Comentário de Redação

Solicitou-se ao candidato que redigisse uma dissertação sobre o tema "A verdade ou a mentira: uma questão de conveniência?"

Além dos textos apresentados nas questões 8, 9 e 10, ofereceram-se, como base para discussão, cinco fragmentos, escritos em diferentes épocas, a comprovar a tese de que "a oposição entre verdade e mentira tem sido um dos temas mais discutidos em todos os tempos".

Para expor seu ponto de vista acerca dessa questão, o candidato deveria valer-se de sua própria formação ("religiosa, familiar e escolar"), bem como de sua "personalidade" e de suas expectativas em relação ao futuro – particular e profissional.

As influências exercidas pelo meio também poderiam ser objeto de reflexão do candidato; dentre outras, caberia mencionar o cenário político, pródigo em oferecer "modelos" aparentemente especializados nas mais diversas técnicas de persuasão, omissão, retórica enganosa, sempre com vistas a fazer a mentira parecer verdade, ou vice-versa – de acordo com a conveniência do momento. Considerando que tal conduta poderia ser reflexo de uma tendência presente na sociedade, caberia questionar até que ponto "compensaria" renunciar a sólidos princípios em nome da obtenção de alguma vantagem, quer pessoal quer profissional.



LÍNGUA PORTUGUESA e REDAÇÃO Resolução Sumária

COMENTÁRIO DE REDAÇÃO

Solicitou-se do candidato que redigisse uma dissertação sobre o tema "A verdade ou a mentira: uma questão de conveniência?"

Ofereceram-se, como base para discussão, cinco textos, de diferentes épocas, a mostrar que "a oposição entre verdade e mentira tem sido um dos temas mais discutidos em todos os tempos".

Para expor o próprio ponto de vista acerca desse assunto, o candidato deveria levar em conta sua formação, decorrente das influências do meio, bem como seus valores e expectativas – pessoais e profissionais. Caberia, ainda, observar que a Banca Examinadora, pelos textos selecionados, como que induziu o candidato a ilustrar suas opiniões tendo em vista a conduta dos políticos – de ontem e de hoje. Assim, de posse das informações necessárias à sua produção textual, o candidato deveria responder à questão sobre a conveniência de ser verdadeiro, mentir ou criar versões passíveis ou não de serem questionadas.

